

**Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601**

**v. 9, n. 2 (2016)**

Alex dos Santos Guimarães<sup>1</sup>

Danielly Pereira dos Santos<sup>2</sup>

Diego Raian Aguiar Pinto<sup>3</sup>

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Eles e Elas: Crônicas da Belle Époque Carioca de Júlia Lopes de Almeida**. MOREIRA, Nadilza Martins Barros de. (ORG). 3. Ed. João Pessoa: EDUFPB, 2015.

## **RESENHA**

*Eles e Elas: Crônicas da Belle Époque Carioca de Júlia Lopes de Almeida* é um livro composto por 37 crônicas de autoria de Júlia Lopes de Almeida e organizado por Nadilza Martins de Barros Moreira, doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e professora da Universidade Federal da Paraíba. Almeida, cronista carioca considerada pela crítica atual como a maior escritora brasileira abaixo de Machado de Assis<sup>4</sup>, nasceu em 1862 e publica parte de sua obra no jornal *O País* entre os anos de 1907 e 1909.

Mais de cem anos depois de lançadas em jornal, as crônicas de Júlia Lopes de Almeida voltam ao cenário literário por intermédio da professora Nadilza Moreira, que as organiza de maneira semelhante ao que Almeida propunha, alternando os narradores masculinos e femininos. A atualização da grafia, característica dessa edição e da anterior, contribui com a acessibilidade aos textos de Almeida, algo notado desde sua gênese pelo trato aos assuntos do cotidiano da época. O estilo envolvente da escrita de Almeida possibilita a inserção do leitor pós-moderno na

---

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB - (2006), Especialização em Teoria e História Literária (UESB) - (2009) e mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del-Rei - MG (UFSJ). Atualmente é Coordenador do Curso de Pós-Graduação *latu sensu* em "Práticas Docentes Interdisciplinares", além de coordenar o Núcleo de História Social e Práticas de Ensino (NHIPE) - CNPQ, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão. Professor Substituto de Pesquisa e Laboratório de Ensino de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus VI, Caetité - BA. [lexhisto@yahoo.com.br](mailto:lexhisto@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pela UNEB. Bolsista de Iniciação Científica

<sup>3</sup> Graduando do curso de Licenciatura em História pela UNEB.

<sup>4</sup> Júlia Lopes de Almeida fazia parte do elenco de escritoras oitocentistas brasileiras que foram esquecidas pela crítica e pela historiografia literária que as sucederam. Não obstante, várias pesquisadoras (e pesquisadores), espalhadas pelas universidades brasileiras, vêm desenvolvendo importantes investigações no sentido de "resgatar" essas escritoras olvidadas, a fim de trazê-las para a realidade da nossa literatura, em um movimento que já foi classificado como de uma verdadeira *arqueologia literária*.

sociedade carioca da Belle Époque, além de permitir a visualização do que a sociedade atual preserva nas relações de gênero.

A crônica, gênero textual do qual faz uso Almeida, surge em meados do século XIX com características modernas que persistem até os dias de hoje. Não é por acaso que a leitura dos textos da autora é tão atraente ao leitor atual: eles contam com uma gama de recursos aderidos pela pós-modernidade, como a linguagem entrecortada, orações curtas, ironia como fonte geradora de sentido e leitura da realidade a partir de pequenas ocorrências aparentemente sem importância. Tais recursos guiam a leitura para a evidência da crítica que se pretende alcançar, mesmo sem haver verbalização literal, em textos lidos por acaso (ou não), como é o caso das crônicas em jornais.

Analisar os contextos das crônicas possibilita ao leitor o entendimento das redes de relações das quais participou a autora, além de compreender as intencionalidades e alvos pretendidos no ato da escrita da crônica. Assim, ao realizar a leitura das crônicas de Almeida, faz-se necessário ao leitor ficar atento as conjunturas que ligam essas crônicas ao *locus* de onde elas são escritas, objetivando, dessa forma, o entendimento do contexto histórico que a sociedade passa no momento em que a autora coloca suas letras no papel, algo primordial para a interpretação das questões de gênero abordadas por ela.

Ao estabelecer relações com os contextos nos quais vivia a sociedade carioca, Almeida ligava-se ao público alvo – as mulheres – ao passo que ele se ligava à ela ao ser influenciado ou, no mínimo, guiado a uma reflexão crítica acerca da situação que impulsionou a escritura da crônica. Assim, o objetivo de Almeida era, sem dúvida, analisar a realidade e tentar modificá-la a partir de seu lugar de observação e fala: mulher, do final do século XIX, que vê as pequenas ilhas de perspectivas de crescimento pessoal destinados às mulheres e os enormes Saaras de oportunidades sociais que goza o gênero masculino.

Evidentemente, as crônicas de Almeida, como de qualquer outro autor, não se tratam de retrato social, mas de verossimilhança garantida mesmo com a inclusão da ficção. A literatura como um todo – sobretudo, a crônica – possibilita que assuntos reais e preocupantes, como no caso dos textos em questão, sejam tratados de forma leve e envolvente visando a boa recepção do leitor que se

pretende alcançar. Almeida usa e abusa da ironia, um dos principais recursos estilísticos da crônica, para tocar em feridas sociais abertas sem escancarar a intencionalidade, como acontece no título da crônica “As mulheres pensam”, quando algo óbvio como a capacidade de pensar das mulheres é tratado como descoberta recente, algo digno de surpresa e, portanto, colocado em evidência por um narrador masculino. Por meio da ironia, permanece escondido sob a fantasia do humor algo que é invisibilizado pela sociedade todos os dias: a necessidade de expansão dos espaços sociais femininos.

Os textos de Almeida são repletos de significações internas. A própria organização das crônicas, intervaladas entre narradores femininos e masculinos, trazem consigo a comparação da ideologia de cada gênero. Assim, de seu lugar de mulher consciente da necessidade de ascensão social feminina, Almeida ironiza os papéis sociais assumidos pelo homem, responsável pela aquisição do capital, e pela mulher, responsável pelos deveres do lar. O lugar ao qual era relegada a mulher era tão enraizado que muitas das narradoras femininas não verbalizam o conhecimento de seu espaço diminuído. A crítica se dá, portanto, pela evidência dos absurdos vividos todos os dias pelas donas de casa, mesmo as burguesas, como era o caso das personagens de Almeida por ser ela mesma pertencente dessa classe. Ao representar uma mulher preocupada com coisas pequenas, como a cor do vestido ou do chapéu, por exemplo, Almeida isentava-a de preocupações realmente relevantes, como emprego, direitos e cidadania.

Os narradores masculinos, quase sempre, parecem preocupados em demasia com a vida pública e profissional. As crônicas, no entanto, têm narrativa direcionada à mulher, a quem é relegado o segundo plano na vida dos maridos; as primeiras são vistas pelos segundos como empecilhos ao bem fazer de suas atividades cotidianas. Quando tentam interagir na expectativa de participar da vida profissional do seu consorte, mesmo que minimamente, a mulher é por ele ridicularizada e recolocada no seu espaço significativo de submissão, sendo vista como oposto de inteligência e destreza comercial, como diz a crônica “Não posso mais”. Podemos usar essa mesma crônica como metonímia para se compreender algo que é constante nas narrativas masculinas: o desejo de ser sempre superior à mulher.

Essa ordem hierárquica está tão intrincada na organização social que muitos narradores não se dão conta do absurdo de condenar a mulher a um único estilo de vida, o de dona do lar. A crítica se dá, portanto, nos não-ditos dos textos, nas descaracterizações das qualidades femininas em prol da evidencia de seus “defeitos”, como em “Não há nada mais fastidioso”, ou na importância dada à estética, como em “Maninha veio hoje”.

Em contraponto, as narradoras, na grande maioria das vezes, colocam os homens em uma posição de destaque, já que suas vidas tendem a girar em torno deles. Por isso, o conteúdo dessas crônicas, algumas vezes, trata-se de “mexericos” produzidos pelas mulheres, algo que deixa subtendido a teoria de que elas só se preocupam com as miudezas diárias, não discutindo assuntos considerados mais importantes na sociedade, como o trabalho e a economia. Esse fato é comprovado principalmente por três crônicas: “Os vícios deles”, que trata de um grupo de mulheres que discutem sobre os piores ou melhores vícios de seus esposos, “É esquisito”, que aborda a história de uma mulher que acha que seu marido a traiu com sua melhor amiga, e “Há de ter muita graça”, na qual a esposa se sente muito magoada por seu marido nunca a levar ao teatro.

Por outro lado, há crônicas como “A vaidade das ruínas”, em que a mulher é consciente de seu lugar de desprestígio e submissão, em que até suas qualidades intelectuais são negadas, mas se vê com oportunidades tão escassas que outra opção não lhe resta a não ser fingir concordar com a organização patriarcal que rege a sociedade e “ir andando assim mesmo” (ALMEIDA, 2015, p.178). Nos dois tipos de crônicas, as críticas sociais se fazem presentes: uma, de modo silencioso, já que o interesse da mulher exclusivo por assuntos de segunda ordem por si só evidencia a falta de perspectiva feminina em galgar esferas mais profundas da sociedade; outra, explícita, quando a mulher observa, sente e compreende que, para os homens, os assuntos de segunda ordem são *elas mesmas*, mas se percebe impossibilitada de promover modificações significativas. A crítica feminista, quer de uma maneira quer de outra, persiste.

É importante ressaltar os espaços em que os personagens de Almeida viviam naquela sociedade: todos os narradores e narradoras eram pertencentes a burguesia carioca, situação já exposta no subtítulo do livro: *Crônicas da Belle*

*Époque Carioca*. Com isso, as relações sociais existentes no conjunto das crônicas são restritas a uma pequena parcela da sociedade carioca, tal qual é o evento, “plano de fundo” para os escritos de Almeida, uma vez que a Belle Époque carioca foi um período de grande higienização social do Rio de Janeiro, local onde houve grandes mudanças na sua dinâmica social e estrutural com o objetivo de fazer dessa cidade uma “Paris brasileira”.

Os assuntos que tocam as crônicas de Almeida são oriundos desse cenário burguês, considerados de segunda ordem por não serem tomados como importantes perante o bombardeio de informações que sofremos desde o surgimento da imprensa e do rádio que hierarquizaram os fatos sociais, noticiando apenas o que era considerado importante à classe que os financiavam. As crônicas de Almeida vêm, portanto, falar do cotidiano de uma restrita parcela da sociedade a partir de acontecimentos considerados banais por grande parte dos leitores, a exemplo da crônica “Quem Diria”, na qual um alfinete se tornou a causa principal de uma briga conjugal. A partir desse elemento foram observadas discussões excelentes sobre a dinâmica de um casamento naqueles moldes patriarcais.

Almeida, mesmo em uma época marcada pelo patriarcalismo, verbaliza as suas inquietações frente aos problemas latentes da sociedade carioca, evidenciando as emergentes discussões acerca da igualdade de gênero no jornal, um meio de comunicação que se popularizava rapidamente pela influência de ideais de progresso e de civilização. A autora utiliza da recente “literalização dos jornais” para que sua crítica velada seja ouvida e, com isso, semeia ideias que frutificariam posteriormente, como hoje, cem anos depois de sua primeira publicação.

Por tudo isso, fica explícita a importância dos textos de Júlia Lopes de Almeida, tanto naquela época, com seus objetivos de conscientização através da crítica mascarada, como nos dias de hoje, em que percebemos as modificações que a sociedade sofreu quanto ao lugar ocupado pela mulher. Fazem-se importante, também, por ainda fazerem sentido, pois mesmo com muita luta, a igualdade de gênero não foi alcançada. As crônicas de Almeida são, portanto, relatos de uma sociedade que ainda se parece com a nossa e a circulação destas tende a gerar no leitor a consciência da urgente necessidade de supressão das mazelas sociais vividas pelo gênero feminino e, conseqüentemente, de transformação da sociedade.